

# Universidade e desenvolvimento local: o caso do aglomerado produtivo de base artesanal

*University and local development: the case of the productive accumulation of craft-base*



Gustavo Melo Silva<sup>1</sup>  
Jânio Caetano de Abreu<sup>2</sup>  
Bezamat de Souza Neto<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo propõe reflexões sobre a interação entre universidade e sociedade em prol do desenvolvimento local, especificamente a partir de empreendimentos de base artesanal (EBA) que não fogem à lógica de mercado e coexistem em espaços dinâmicos e interativos, inclusive entre a universidade e a economia na busca constante de eficiência econômica e eficácia coletiva. Os EBA's também têm de se adaptar e inovar em ambientes dinâmicos e competitivos do mercado globalizado. Essa produção é uma alternativa para ocupação e inserção da força de trabalho humano na sociedade moderna. A realidade do segmento de base artesanal e tradicional analisada neste artigo está localizado geograficamente na microrregião de São João del-Rei do estado de Minas Gerais, sendo que nosso foco de análise é a interação dos EBA's com a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Para a compreensão da realidade da interação da Universidade com a rede de EBA's em prol do desenvolvimento local, o presente artigo utiliza como estratégia metodológica uma perspectiva descritivo-analítica, tendo em vista trazer à tona a descrição das características específicas dessa relação. Nossa conclusão a partir dessa realidade empírica é que a universidade está proporcionando para o desenvolvimento local o aprimoramento de uma estrutura setorial em rede de empreendedores de base artesanal, que viabiliza a certificação dos produtos de base artesanal e proporciona de forma compartilhada a construção social do mercado local.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento local. Universidade; Empreendedorismo. Produção Artesanal. Interação.

## Abstract

This article presents reflections on the interaction between university and society for local development, specifically from craft-based enterprises, which do not escape market logic and coexist in dynamic and interactive spaces between the university and the economy as well, in pursuit of constant economic efficiency and collective efficacy. The craft-based enterprises (EBA's) also have to adapt and innovate in dynamic and competitive environments in the global market. This production is an alternative to employment and the inclusion of human labor power in modern society. The reality of the segment-based and traditional craft analyzed in this paper is located geographically in the microregion of São João del-Rei of Minas Gerais, and our focus of analysis is the interaction between EBA's and the Federal University of São João del-Rei. To understand the reality of the university interaction with the network of EBA's site for development, his article uses methodological strategy as a descriptive-analytical perspective, in order to bring out the description of the specific characteristics of this relationship. Our conclusion from this empirical reality is that the university is providing for local development to improve the industry structure in a network of craft-based entrepreneurs, which enables the certification of craft-based products and provides for a shared social construction of the local market.

**Keywords:** Local development. University. Entrepreneurship. Craft production. Interaction.

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: gustavomelosilva@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: janioabreu@ufs.edu.br.

<sup>3</sup> Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Engenheiro Civil pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: bezamat@ufs.edu.br.

# 1 Introdução

O desenvolvimento econômico e a produção de bens e serviços interagem com a globalização, automação industrial, entre outras variáveis que exigem das organizações sistemas de produção cada vez mais dinâmicos e flexíveis. Os empreendimentos de base artesanal (EBA's) não fogem à essa lógica de mercado e coexistem em espaços dinâmicos e interativos na busca constante de sua racionalização e otimização. Entretanto, esses sistemas produtivos atendem a necessidades de consumo que são objetivados em produtos que representam a especificidade da produção regional.

Os EBA's, segundo Abreu (2003), são definidos como artesãos, empreendedores de produtos artesanais, tradicionais, pequenas e médias empresas (PME's), que empregam a *expertise* do artesão, mesmo que esteja utilizando ferramental, equipamentos, acessórios e matéria-prima relacionados à indústria. EBA's também são empreendedores que trabalham nas funções de interdependência, como fornecedores diretos de matéria-prima, executores de processos em atividade desverticalizada, vendedores lojistas, ambulantes, distribuidores dos produtos dos aglomerados; profissionais construtores de ferramentas, equipamentos, acessórios ou confeccionadores de produtos que serão empregados na atividade fim de origem artesanal.

Os EBA's se encontram imersos em uma realidade que demanda adaptações e inovações em ambientes dinâmicos e competitivos do mercado globalizado. Essa produção é uma alternativa para ocupação e inserção da força de trabalho humano na sociedade moderna. No entanto, o campo econômico (BOURDIEU, 2005) de base artesanal e tradicional necessita de estudos voltados para a natureza dos conflitos e dos interesses envolvidos em seus empreendimentos, por meio, por exemplo, da identificação de formas de cooperação horizontal e vertical entre os trabalhadores de sistemas coletivos e de novas formas de organização.

Existem demandas, como veremos nas seções posteriores, para pesquisas e estudos que enfatizam

a análise das adaptações próprias do processo de desenvolvimento, crescimento e estruturação produtiva e econômica das atividades artesanais e tradicionais regionais. Entretanto, neste trabalho, nos dedicamos à descrição e à análise do caso do aglomerado de empreendimentos de base artesanal que nas últimas duas décadas vem sendo foco de interação da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) com a sociedade em seu entorno.

A realidade do segmento artesanal e tradicional é analisada neste artigo a partir da microrregião de São João del-Rei que está na mesorregião do Campo das Vertentes (MG), especificamente, nos municípios de Dores de Campo, Prados, Resende Costa e São Tiago. Conforme Abreu (2002), esses municípios compõem um aglomerado de empreendimentos de base artesanal. As ações e estudos voltados para a produção artesanal do Campo das Vertentes (MG) vêm sendo realizadas institucionalmente pela UFSJ, inicialmente, por meio do projeto denominado Rede de EBA's, que teve origem em um esforço realizado com apoio do Núcleo de Pesquisa Sobre o Trabalho (NEPET) da Rede UNITRABALHO, com o objetivo de fortalecer empreendedores de base artesanal em ambientes aglomerados produtivos (ABREU, 2002).

O desenvolvimento dessas ações e projetos propiciou, por exemplo, a criação de um grupo de pesquisa e de duas incubadoras que se justificam no âmbito da complementaridade dos EBA's e atuam, por exemplo, no fortalecimento do associativismo e no compartilhamento de estratégias e práticas operacionais de gestão de desenvolvimento de produtos, de ergonomia e saúde do trabalhador, de análise do desenvolvimento econômico e de estratégias de competitividade.

A proposta deste artigo é contribuir sobre as reflexões existentes sobre a interação entre universidade e desenvolvimento local, preenchendo uma lacuna existente nessa discussão sobre uma realidade empírica de EBA's e tradicional considerando-os como agentes do desenvolvimento local.

Para refletirmos sobre essa realidade de interação entre a universidade e os EBA's, o presente artigo está estruturado em três seções, além da seção introdutória e as considerações finais. Após esta breve introdução, refletiremos sobre o papel da universidade no estímulo ao empreendedorismo e ao desenvolvimento local; posteriormente, descreveremos o percurso metodológico do desenvolvimento deste trabalho. A penúltima seção descreve e analisa a interação da UFSJ com o aglomerado produtivo de base artesanal, composto pelas atividades econômicas artesanais existentes nos municípios de Dores de Campos, Prados, Resende Costa e São Tiago. Essa interação demandou parcerias com outras universidades e pesquisadores, além de ter impacto no desenvolvimento local e desdobramentos na gestão das organizações envolvidas no aglomerado produtivo de base artesanal.

## 2 Universidade, Empreendedorismo e Desenvolvimento Local

O desenvolvimento socioeconômico é consequência da dinâmica das atividades econômicas que resultam de demandas sociais, mas como poderíamos compreender o papel da universidade neste ambiente socioeconômico? Para compreendermos as possibilidades de resposta para essa questão, nesta seção vamos analisar uma perspectiva econômica para explicação dos fenômenos decorrentes da dinâmica das atividades econômicas e, principalmente, do papel do empreendedor como agente principal do desenvolvimento neste contexto.

Entretanto, devemos considerar o papel indutor e estruturador das universidades no desenvolvimento local, tanto como um suporte para redes de pequenas empresas (GRAPEGGIA; MINUZZI; LEZANA, 2005) como um campo potencial de atuação e de alavancagem do desenvolvimento local via o empreendedorismo de indivíduos, a

Nas universidades, as ações em prol do desenvolvimento local, por meio da intensificação do relacionamento entre universidade e economia, vêm sendo operacionalizadas com o estímulo ao empreendedorismo.

partir de suas potencialidades para o atendimento de demandas de mercado (DAGNINO, 2004). O papel da universidade, além das atividades de pesquisa, ensino e extensão, atualmente tem como enfoque a agregação da função de desenvolvimento econômico regional e local. Portanto, essa realidade socioeconômica propõe uma maior aproximação entre a universidade e o seu entorno (BRISOLLA *et al.*, 1997). Esse novo papel de interação econômica e tecnológica da universidade é vital contemporaneamente na sociedade do conhecimento (MOTA, 1999); entretanto, deve ser articulado a um contexto de políticas públicas territoriais de desenvolvimento socioeconômico endógeno com base no local (RÜCKERT, 2004).

Para Ckagnazaroff *et al.* (2008), o conceito de desenvolvimento econômico local pode ser empregado de uma maneira mais ampla configurando-se em um processo que se preocupa, fundamentalmente, com questões relativas à melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população local, conservação do meio ambiente e participação efetiva, organizada e democrática da população, de forma consciente, para que, por si própria, possa garantir de forma contínua e sustentável o processo de desenvolvimento local. Esses autores consideram essencial, nesse processo, que a comunidade avalie sistematicamente seu progresso e desenvolva competências que permi-

tam suprir suas necessidades imediatas, diagnosticar e incentivar suas vocações locais e fomentar a interação com o meio externo, tendo em vista suas especificidades.

Nas universidades, as ações em prol do desenvolvimento local, por meio da intensificação do relacionamento entre universidade e economia, vêm sendo operacionalizadas com o estímulo ao empreendedorismo, especificamente nos cursos de graduação, que, de forma geral, vêm se restringindo ao desenvolvimento de planos de negócios como uma ferramenta gerencial de validação de ideias de novos negócios. Aliada a esse procedimento técnico, são práticas comuns a proposição de simulações, estudos de casos, mostras, júris e entrevistas com empreendedores. A disciplina responsável por essas atividades pedagógicas de formação profissional tem o objetivo de gerar novos negócios e de reduzir os fracassos na sua implementação. Outra ação das universidades, em prol da intensificação de seu relacionamento com a realidade socioeconômica, são as incubadoras, que sinalizam com boas perspectivas no fomento e estruturação de novos negócios (SILVA; CARVALHO, 2005).

Nesse contexto de internalização, por parte das universidades, do tema empreendedorismo como uma possibilidade de estímulo ao desenvolvimento local, vale salientar que os empreendedores são os agentes socialmente responsáveis por iniciar as transformações econômicas da sociedade e liderarem-nas, seja como proprietários, sócios ou gerentes de negócios. A atitude de iniciar um novo negócio ou propor uma inovação e de assumir um risco de uma inovação os configuraria como empreendedores. Ou seja, a questão do empreendedor e, conseqüentemente, do empreendedorismo, estaria relacionada à identificação de uma oportunidade e, posteriormente, à ideia de como seria operacionalizada essa oportunidade e, por último, à validação dessa ideia em um plano de negócios. O processo de criação da ideia de um novo negócio deve levar em conta tanto a empresa, a classe de empresas e o mercado onde essa iria operar (WILLIAMS, 1978;

A oportunidade de um novo negócio pode estar no processo de reestruturação produtiva e organizacional existente nas empresas.

MARSHALL, 1982; WILLIAMSON, 1996). Portanto, o empreendedor se diferenciaria do proprietário enquanto um indivíduo que busca unicamente a remuneração de seu capital investido, sendo um indivíduo remunerado por seu trabalho e sua capacidade de inovação.

O negócio, ou seja, a organização a ser criada para aproveitar a oportunidade identificada pode ser entendida como uma nova etapa do processo de divisão e especialização do trabalho. A decisão de dividir e especializar o trabalho está relacionada à análise dos custos de transação (WILLIAMSON, 1996) existentes nas empresas, tanto de forma interna – entre as funções e departamentos ou qualquer subdivisão existente – quanto entre empresas e mercados que são conseqüências das alternativas do tomador de decisão. Portanto, uma relação plena empresarial ocorre quando vários contratos são celebrados entre pessoas e para organizações que cooperam entre si. Nessa realidade, a comparação dos custos de transação existentes determina a rentabilidade do estabelecimento de uma empresa no mercado competitivo.

A oportunidade de um novo negócio pode estar no processo de reestruturação produtiva e organizacional existente nas empresas (WILLIAMS, 1978; MARSHALL, 1982; WILLIAMSON, 1996). Algumas funções vêm sendo terceirizadas para que as empresas se especializem e se tornem mais eficazes, definindo, assim, o seu *core business*. O empreendimento deve ser visto a partir de uma análise econômica, na qual a organização interna é uma força de produção que influencia a utilização dos demais fatores de produção,

O início da produção é a satisfação das necessidades dos consumidores, mas a inovação é iniciada pelo produtor que, geralmente, inicia a mudança econômica e, se necessário, educa os consumidores.

sendo de sua responsabilidade a coordenação e controle desses fatores em busca do lucro e de sua maximização.

O início da produção é a satisfação das necessidades dos consumidores, mas a inovação é iniciada pelo produtor que, geralmente, inicia a mudança econômica e, se necessário, educa os consumidores. O desenvolvimento surge com novas combinações que se estruturam em combinações preexistentes e que aparecem de forma descontínua, seja na introdução de um novo bem, de um novo método de produção, abertura de novo mercado, nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, ou ainda, uma nova organização produtiva (SCHUMPETER, 1982).

A oportunidade de negócio e a empresa que irá potencializá-la também podem ser compreendidas como a realização de novas combinações, e os empresários (tidos como *homo economicus*), cujas funções são executar essas combinações, mas que necessariamente não necessitam estar vinculados às empresas. Além desses aspectos, a realização de novas combinações não pode ser mais uma vocação do que a tomada de decisões estratégicas realizadas pelos empreendedores. Assim, o ato de realizar novas combinações também pode ser considerado como uma função produtiva exercida pelo empreendedor (SILVA; CARVALHO, 2005).

A empresa deve ser analisada como uma entidade econômica em seu sentido mais amplo

em que a análise da atividade econômica ocorre no seu interior como uma organização administrativa, como uma unidade autônoma de planejamento e onde as atividades são relacionadas e coordenadas por planos estruturados para a empresa como um todo. Penrose (1995) vê o empresário como um inovador do ponto de vista da empresa e não necessariamente da economia, como já era o ponto de vista de Schumpeter (1982). Entre os recursos escassos da organização, encontram-se, então, aptidões psicológicas, incluindo o espírito empreendedor e a capacidade de organizar e dirigir uma empresa.

As inter-relações existentes entre recursos físicos e humanos podem ser otimizadas com o conhecimento existente na empresa sobre seu meio ambiente e seus recursos. As possibilidades de aplicação dos recursos e emprego dos serviços se modificam a partir da variação de conhecimento. O conhecimento está presente nas empresas de forma objetiva e transmissível, ou subjetiva nas ações e no pensamento dos empresários, ou seja, os empreendedores que detêm o conhecimento específico sobre a oportunidade identificada. As utilizações dos recursos que geram serviços com conhecimento criam oportunidades produtivas especiais de uma determinada empresa. As trocas de conhecimento que possuem o pessoal diretivo de uma empresa não modificam apenas os serviços produtivos de outros recursos, como também as condições de demanda tal como a empresa as veem.

As ideias do empreendedor determinam inovações no mercado, a partir de novas combinações de recursos que geram novos serviços produtivos, isto é, a materialização dos conhecimentos dos empreendedores. Assim, mesmo sem o conhecimento das necessidades de quem consome, os empreendedores estão dispostos a produzir artigos que consideram úteis, a partir de seus conhecimentos de utilidade, para seus consumidores, sejam eles indivíduos ou organizações. Essa diversificação da empresa é uma das causas de seu crescimento e até mesmo de sua criação.

A moderna organização formal compete para sobreviver em uma atividade na qual coexiste uma condição geral de competitividade e sobrevivência da produção, que é a utilização eficiente de recursos com a otimização do trabalho residual.

A moderna organização formal compete para sobreviver em uma atividade - assim como diferentes espécies competem para sobreviver na natureza - na qual coexiste uma condição geral de competitividade e sobrevivência da produção, que é a utilização eficiente de recursos com a otimização do trabalho residual. Nesse ambiente organizacional, os agentes controlam problemas em sistemas de decisão que separam a gestão e o controle de decisões em todos os níveis organizacionais.

O conhecimento singular da empresa ganha importância nas tomadas de decisão e na identificação de oportunidades. Tomadas de decisão estão relacionadas à atuação do empreendedor que possui conhecimento específico sobre a oportunidade de mercado e a potencialidade produtiva. A proposta de aplicação do "Plano de Negócios" se configura com uma ferramenta de alta eficiência, mas que tem sua eficácia comprometida se a abordagem do contexto socioeconômico não contemplar estudos que viabilizem uma identificação da dinâmica no ambiente de negócios em que se pretende atuar com a proposição de abertura de novos negócios (SILVA; CARVALHO, 2005). Nesse sentido, a universidade tem um papel no desenvolvimento local mais extenso do que simplesmente incentivar, em seus cursos, o empreendedorismo com disciplinas que proponham a análise de ideias por simulações em planos de negócios.

### 3 Percurso Metodológico

Para a compreensão da realidade da interação da universidade com a rede de EBA's em prol do desenvolvimento local, o presente artigo utiliza como estratégia metodológica uma perspectiva descritivo-analítica (SELLTIZ *et al.*, 1975; GIL, 2006), tendo em vista trazer à tona a descrição das características específicas dessa relação.

Conforme Gil (2006), a pesquisa pode ser em parte enquadrada como bibliográfica pela análise de referencial sobre os temas de pesquisa. No entanto, trata-se de um estudo de caso em função da natureza do objeto e das categorias de análise. O método de estudo de caso caracteriza-se como meio de aprendizagem acerca de um objeto complexo baseado num amplo entendimento deste, obtido por uma descrição e análise do objeto como um todo em um determinado contexto (MORRA; FRIEDLANDER, 1999).

Nesse sentido, o estudo de caso como método de pesquisa (YIN, 2005) revela-se adequado ao possibilitar uma imersão nas dimensões subjetivas do problema, por meio de uma relação direta e intensa do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Esse contato direto e pessoal permite trazer à tona um rol de valores e crenças difícil de ser percebido a partir de uma perspectiva mais objetiva da realidade social.

A análise será organizacional (CHANLAT, 1993) por abranger os atores envolvidos na interação existente entre os empreendedores locais e a universidade. Os procedimentos utilizados para a realização deste estudo de caso consistiram, além da revisão bibliográfica, de dados secundários e de observação dos pesquisadores em visitas e entrevistas com os empreendedores. A análise dos dados nesta pesquisa tem um caráter qualitativo, articulando o referencial teórico com os dados secundários e observações do caso abordado.

Os EBA's foram analisados organizacionalmente pelos seus empreendedores por meio

de sua interação com a UFSJ, principalmente por meio da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFSJ) e da Incubadora de Desenvolvimento Tecnológico e Setores Tradicionais do Campo das Vertentes (INDETEC/ UFSJ). Os resultados do presente artigo advêm do acompanhamento e coexecução do trabalho empenhado em campo com os empreendimentos incubados, seja na ITCP ou na INDETEC, valendo-se de várias técnicas, tais como: cursos de formação (técnica, política, dentre outros), reuniões, encontros, seminários e orientações no local de atuação dos EBA's. Os trabalhos desenvolvidos por essas incubadoras são orientados pelos pressupostos da pesquisa-ação. A pesquisa-ação é concebida e realizada em associação a uma ação ou a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e participantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo (SOUZA, 1993).

A ITCP executa seus projetos por meio de vários convênios e trabalha permanentemente, em média, com 20 empreendimentos coletivos (grupos em formação, associações e cooperativas de trabalhadores), nos ramos e atividades diferentes, tais como: artesanato, artes cênicas, confecções, agricultura familiar, serviços gerais, transporte alternativo, tecelagem artesanal, turismo e catadores da cadeia de resíduos, atingindo atualmente 434 pessoas diretamente. A atuação da ITCP ocorre ininterruptamente desde 2004, contando com projetos e programas de apoio, além de acordos de cooperação com prefeituras municipais, ONG's e empresas privadas que apoiam os esforços da Incubadora.

A Indetec, atualmente, conta com cinco projetos selecionados para pré-incubação, cinco projetos incubados com possibilidades concretas de graduação no primeiro semestre de 2012, e três empresas graduadas. Vale ressaltar que a Indetec está focada em tecnologias sociais, como a atuação inovadora em prol da incubação de empreendimentos para egressos do sistema penal.

## 4 A Interação da Universidade com os Empreendimentos de Base Artesanal Local

O marco institucional da atuação da UFSJ com a produção artesanal na região do Campo das Vertentes, como foi abordado inicialmente na introdução, foi o desenvolvimento do projeto de pesquisa "Rede de EBA's". Esse projeto institucionalizou a UFSJ como um ator social fundamental para o desenvolvimento local.

O desdobramento desse projeto ocorreu em dois momentos. Inicialmente, foi articulado um grupo de pesquisa interinstitucional que pudesse discutir os múltiplos problemas existentes nas atividades econômicas artesanais locais; e, posteriormente, foi criado um centro de ensino, pesquisa e extensão que passou a ser o fórum de identificação dos problemas, desenvolvimento e extensão de soluções e capacitação dos atores envolvidos com essas atividades, que foi denominado como Centro de Tecnologia de Produção Artesanal (CTPA).

O contato inicial dos pesquisadores proponentes se deu em encontros entre 2004 e 2005 com o grupo de pesquisadores da UFSJ, responsáveis pelo Projeto Rede de EBA's, com pesquisadores do Laboratório Integrado de Design e Engenharia de Produto (LIDEP), e do Laboratório Ergonomia e Saúde, ambos do Departamento de Engenharia de Produção (DEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além de contar com pesquisadores do Programa Design e Artesanato do Centro de Integração Design Empresa da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e com um pesquisador do Departamento de Administração e Contabilidade (DAD) da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Os encontros iniciais tiveram como resultado a proposta de formalização do grupo de pesquisa interinstitucional com a denominação de "Grupo de Pesquisa de Base Artesanal - GPBarte",

além da definição de desenvolvimento de projetos para a intervenção a partir de demandas identificadas pelo Projeto Rede de EBA's.

As demandas iniciais analisadas pelo GPBarte foram: 1) pesquisa de mestrado para analisar a incidência de doenças músculo-esqueléticas nos artesãos de Resende Costa (DEP/UFMG), concluído em 2006 (OLIVEIRA, 2006); 2) pesquisa de mestrado para analisar o custo do adoecimento para os cofres públicos via atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS) em Resende Costa (DEP/UFMG), concluído em 2008 (PEREIRA, 2008); 3) trabalho de conclusão de curso de graduação, analisando o ambiente físico de trabalho das oficinas de tear em Resende Costa com enfoque na engenharia e segurança no trabalho (DEP/UFMG), concluído em 2005; 4) desenvolvimento de embalagens institucionais e de uma marca para os biscoitos de São Tiago (DEP/UFMG e Escola de Design/UEMG), concluído em 2005; 5) pesquisa de iniciação científica de qualidade de vida nas oficinas de produção artesanal e pesquisa de doutorado sobre as mudanças organizacionais da produção artesanal em Resende Costa (DAD/UFV), concluído em 2010 (SILVA, 2010).

Em 2009, o GPBarte, atualizando-se para uma convergência com a proposta de um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Administração, que se projetava no Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis (DECAC/UFSJ), mudou sua denominação para Grupo de Pesquisa em Sustentabilidade e Estratégias Territoriais Inovadoras – Geseti. O Geseti tem como objetivo central a integração das Instituições de Ensino Superior (IES) para o fomento de um polo de desenvolvimento tecnológico de base artesanal em Minas Gerais. O grupo de pesquisas tem como foco de atuação a análise de aspectos administrativos, produtivos e organizacionais de base artesanal que possam ser utilizados como ferramentas para a geração de oportunidades de novos negócios e, consequentemente, para a geração de trabalho e renda, por meio do incremento não só quantitativo, mas também qualitativo da produção artesanal.

A estrutura interinstitucional tem como benefícios para as IES, inicialmente, evitar a redun-

dância de pesquisas em projetos paralelos. Posteriormente, potencializa os resultados obtidos por meio da geração de conhecimento nas instituições e pela difusão desse conhecimento no meio acadêmico e entre os próprios empreendedores locais, em princípio, nas localidades pesquisadas e, após, entre outras comunidades de Minas Gerais ou de outros estados brasileiros. O papel do grupo é contribuir para a formação de parcerias entre os empreendedores de base artesanal e pesquisadores de várias áreas e níveis que estão articuladas e integradas no Geseti.

Além de articular e formar o grupo de pesquisa, a UFSJ realizou ações para a efetivação do Centro de Tecnologia de Produção Artesanal (CTPA), que foi inaugurado no mês de dezembro de 2005, em parceria com Instituto Centro de Capacitação e Apoio ao Pequeno Empreendedor (Centro Cape), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

O CTPA é a legitimação institucional do potencial da produção artesanal, mas, além disso, busca alimentar e assessorar aglomerados de empreendimentos de base artesanal que, até então, não possuíam nenhum centro de produção científica especializado no setor (FAGUNDES, 2004; COUTINHO, 2007). O CTPA é um centro de pesquisa voltado para o universo artesanal, e o Geseti é um grupo de pesquisa que poderá operacionalizar e intervir a partir de demandas identificadas neste setor.

O CTPA tem como objetivo articular ações dos EBA's com a sociedade civil organizada, a iniciativa privada e o Estado. O CTPA articulou ações conjuntas da UFMG, da UEMG, da Unitrabalho, do Centro Cape, da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFSJ) e da Incubadora de Desenvolvimento Tecnológico e Setores Tradicionais do Campo das Vertentes (Indetec/UFSJ) com o objetivo de propiciar soluções e alternativas para o desenvolvimento sustentável da produção artesanal local.

Estão em andamento no CTPA, sob a coordenação de um Comitê Estratégico e um Comitê Técnico, os seguintes projetos: laboratório para certificação de produtos utilitários e caracterização

de materiais – LCCM; certificação da gestão da atividade artesanal; rede de empreendimentos de base artesanal; certificação de identidade histórico-cultural da produção de base artesanal mineira.

Esse centro de pesquisa, ensino e extensão – CTPA –, para executar esses projetos, buscou parcerias entre instituições de ensino com organizações representativas dos trabalhadores artesanais e da sociedade civil organizada, com a iniciativa privada e com o Estado. Os objetivos específicos do CTPA envolvem desde ações imediatas de continuidade das ações desenvolvidas pela UFSJ até propiciar a atuação dos parceiros e de atendimento de novas demandas dos EBA's.

Entre suas ações estão o desenvolvimento de estudos das peculiaridades dos empreendedores de base artesanal em sua área de abrangência, com o objetivo específico de identificar as potencialidades, características dos empreendimentos e dos empreendedores de tal forma que esses dados sejam mais um instrumento de referência para novos estudos convergentes e para ações que visem ao fortalecimento empreendedor e, conseqüentemente, ao desenvolvimento local.

A continuidade das ações universitárias com um desenvolvimento de uma metodologia própria para a estruturação de rede de pequenas empresas de base artesanal em cluster objetiva propiciar o fortalecimento desses empreendedores, dando expectativa de uma conseqüente redução do fechamento de empreendimentos existentes e aumentando a abertura de novos que possam desenvolver suas atividades econômicas conciliando um melhor desempenho competitivo com a melhoria da qualidade de vida da população envolvida. Inclusive, o CTPA promove um estudo sobre *cluster* de potencial latente induzido, bem como caracteriza, mobiliza, organiza e orienta a gestão de um plano de ação, tendo em vista o incremento de estruturação de um aglomerado produtivo em cooperação.

*Clusters* de potencial latente seriam aqueles dimensionamentos geográficos, tais como cidades que possuem uma determinada vocação para ser incentivada. São Tiago, por exemplo, que há cerca de 30 anos era produtora de polvilho, produzia

biscoitos apenas nas residências. Portanto, havia ali um potencial para se transformar no aglomerado que se transformou o município.

O CTPA pode contribuir com um esforço que incentive a ações cooperativas entre os empreendedores atuais e permita a integração de novos empreendedores potenciais, inclusive com estudos que analisem a perspectiva de aproveitamento de oportunidades locais para o empreendedorismo, geradas por um fenômeno de produção. Esse fenômeno possui raízes em aptidões históricas e tradicionais com perspectivas de abordagem que defendem uma visão multidimensional para a ação humana e que assegure o desenvolvimento e certificação de produtos de base artesanal, incentivando e propiciando que novos subprojetos sejam formulados e propostos em convergência com o centro de pesquisa.

A atuação no ensino pretende estabelecer uma escola para treinamento no desenvolvimento e produção de massas e esmaltes cerâmicos artesanais, técnicas de modelagem e produção de objetos, bem como construção e operação de fornos cerâmicos de pequeno e médio porte. Essa oficina-escola pode servir de base, também, para cursos do inverno cultural, treinamento de professores de Ensino Fundamental e Médio (dentro de atividades já em desenvolvimento na UFSJ) e para atividades de um futuro curso de artes plásticas ou de produção de objetos cerâmicos. A partir dos trabalhos e projetos do CTPA, surgiu o primeiro curso superior brasileiro de Artes Aplicadas com ênfase em cerâmica, realizando o primeiro vestibular em 2008.

Atualmente, os EBA's atendidos pelo CTPA são a tecelagem artesanal da cidade de Resende Costa, a atividade coureira de Dolores de Campos e Prados, a produção de biscoitos da cidade de São Tiago, ambos na região do Campo das Vertentes (MG), além da atividade de cerâmica no Vale do Jequitinhonha (MG). Ambos os municípios do Campo das Vertentes são circunvizinhos da cidade de São João del-Rei, onde está localizada a sede da UFSJ. É importante ressaltar que existem no corpo discente dessa IES vários estudantes dos municípios

citados, o que viabiliza uma maior interação com a realidade local atendida pela universidade.

#### 4.1 O Processo de Envolvimento com o Desenvolvimento Local via os EBA's

A interação da universidade com o grupo social dos trabalhadores artesanais do Campo das Vertentes (MG) teve início em 1996 com atividades de pesquisas desenvolvidas no curso de Administração, as quais, posteriormente, foram ampliadas em projeto apresentado e tese de doutorado defendida (ABREU, 2002) por docente da UFSJ na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Os trabalhos e acompanhamento em Resende Costa foram iniciados em 1996 com o trabalho de análise histórica e social de Santos e Silva (1997) e, posteriormente, no recenseamento de Santos *et al.* (1998), realizado junto à população envolvida com a tecelagem artesanal da cidade de Resende Costa. Os contatos em Dores de Campos foram iniciados em 1997 (ABREU *et al.*, 1997), com a realização de pesquisa em conjunto com um grupo de alunos da disciplina “Gerência de Pequenos Negócios”, do curso de graduação de Administração da UFSJ.

Os primeiros contatos em Prados foram realizados por meio da Associação Comercial e Industrial (ACI), no ano de 1999. Em reuniões com dirigentes, foi possível obter algumas informações sobre a atividade coureira, e depois foram realizados alguns contatos diretos com integrantes da população envolvida via entrevista não diretiva e observação extensiva. Foram recolhidos folhetos, pôlderes, além da análise de documentos, como atas e correspondências da ACI. Com a ajuda do corpo funcional da ACI foi construído um primeiro perfil da população e de eventos ocorridos na cidade, além de alguns indicativos do que ocorria na atividade, sendo relacionados os principais produtores, artesãos e proprietários de empreendimentos da atividade coureira na cidade.

Em 1998, iniciou-se o contato com São Tiago em visita à AC I da cidade, onde foram feitos os primeiros levantamentos, inclusive com visitas

técnicas aos produtores. Foram recolhidos materiais diversos, como jornais, boletins, pôlderes, cartazes e, principalmente, a relação de produtores de biscoito. Foram acompanhados e assessorados até o ano de 2000 alguns eventos, como a “Parada do Café com Biscoito”, que ocorre anualmente no mês de setembro e é considerada pela comunidade local como um grande evento de divulgação da produção local e de reencontro do são-tiaguense ausente.

Durante os anos de 1999, 2000 e 2001, as cidades de Dores de Campos, Prados, Resende Costa e São Tiago foram visitadas para levantamentos e observações extensivas. Realizaram-se entrevistas com empreendedores, e eventos, como a Feira Anual de Artigos de Couro de Dores de Campos (FAIDEC), foram acompanhados e, nessas ocasiões foi proposto, sugerido e ratificado a alguns empreendedores o propósito de realizar e viabilizar com a população dos EBA's um processo de organização e de solução por meio de pesquisas científicas dos problemas vivenciados nos municípios supracitados.

A partir de 2001 e início de 2002, foram definidos os participantes e elaborado um programa de ação inicial para a organização do aglomerado de empreendimentos artesanais. Conhecidos, preliminarmente, os aglomerados, o primeiro passo foi definir uma equipe de pesquisa e de ação que foi composta inicialmente por docentes e discentes da UFSJ. Definida a equipe, foi capacitada para intervir no aglomerado e, em seguida, teve início o acompanhamento dos eventos patrocinados pelos produtores artesanais identificados, além da proposição e articulação de eventos, desempenhando o papel de facilitador de suas realizações.

Nas reuniões em que o projeto Rede de EBA's participou na Unitrabalho, foram identificados alunos universitários envolvidos nos Projetos do Núcleo da Rede localizada na UFSJ para participar dos trabalhos de campo do projeto. Esses estudantes participaram das entrevistas nas quatro cidades, da organização de Seminários intra-aglomerado e interaglomerado de algumas reuniões promovidas pelas organizações dos artesãos e de vários eventos. Além disso, também participaram de forma intensiva da reestruturação da ACI de São Tiago, da constituição do Fórum de

Cultura e Empreendimentos de São Tiago (Focest) e da criação da Associação Santiaguense dos Produtores de Biscoito (Assabiscoito).

Diante desse envolvimento propiciado pela execução do Projeto Rede de EBA's e de demandas que foram identificadas em seu processo de desenvolvimento e de organização da atividade artesanal regional em uma rede de aglomerados de empreendimentos de base artesanal, definiu-se a necessidade da criação de um centro de pesquisa que pudesse aglutinar ações necessárias para o desenvolvimento sustentável dessa atividade econômica, ou seja, o CTPA.

## 4.2 Os Desdobramentos Organizacionais Necessários Pós-Interação

As cidades e comunidades atendidas pelo CTPA, por possuírem uma maior perspectiva de geração de trabalho e renda, de impostos e, por conseguinte, de potencialização de outras atividades locais, dependem do desempenho desses EBA's que constituem verdadeiros *clusters* produtivos. Está consignado que o bom desempenho desses empreendimentos contribui para um melhor desempenho das atividades socioeconômicas locais, contribuindo, assim, para a minimização do problema do desemprego local, viabilizando a inserção socioeconômica e cultural de trabalhadores à margem da moderna indústria.

O aglomerado ou *cluster* das EBA's traz um benefício em rede, atingindo direta e/ou indiretamente cerca de 35.560 habitantes equivalentes às cidades de Dores de Campos, Prados, Resende Costa e São Tiago. As ações compartilhadas têm sido consideradas como essenciais para que os PME's se insiram competitivamente nas estruturas de mercado.

Estudos como o de Rattner (1986), Souza (1995), Montañó (1999) sustentam que uma forma de fortalecer os PME's é considerar um contexto mais amplo e complexo de formas de atuação coletiva. Lins (2001, p. 84) também acentua que

“não surpreende que as novas propostas de apoio às PME's contemplem as relações interfirmas, mais do que dificuldades localizadas no interior das empresas ou incrustadas no ambiente macroeconômico”.

A rede de EBA's focalizada pelo CTPA é uma variação do conceito de rede estratégica. Como descrito anteriormente, conforme ABREU (2002; 2003), os EBA's são os artesãos, empreendedores de produtos artesanais, tradicionais e PME's que empregam a expertise do artesão, mesmo que utilizem ferramental, equipamentos, acessórios e matéria-prima relacionado à indústria. São também EBA's, empreendedores que trabalham nas funções de interdependência, como fornecedores diretos de matéria-prima, executores de processos em atividade desverticalizada, vendedores lojistas, ambulantes, distribuidores dos produtos dos aglomerados; profissionais construtores de ferramentas, equipamentos, acessórios ou confeccionadores de produtos que serão empregados na atividade fim de origem artesanal (ABREU, 2002).

Portanto, a realidade a ser tratada pelo CTPA, ou seja, o papel da universidade no contexto de parceira em prol do desenvolvimento local, conforme Abreu (2002, p. 283-308), para a rede de EBA's possui, especificamente, três orientações referentes aos compartilhamentos (cooperação); à articulação compartilhada; e à tipologia das relações no âmbito dimensional.

A dimensão dos compartilhamentos tem quatro abordagens, sendo elas: intraempreendimentos, intracluster, intercluster e a estruturação setorial. A articulação compartilhada é uma abordagem da situação concreta passada e atual, e outra de uma situação projetada. Na correlação da extensão dos compartilhamentos com a articulação partilhada, algumas situações dimensionais podem se verificar e se aplicar, ou não. Outro aspecto diz respeito às relações no âmbito das dimensões, bem como as articulações dos atores envolvidos nessas relações. Essas relações quando ocorrem entre EBA's e outros trabalhadores podem ser: autônomas e autodeterminadas, informais subordinadas e formais subordinadas.

No âmbito intraglomerado, as relações se dão caracterizadamente como formais igualitárias, formais subordinadas, informais subordinadas e informais coletivas. Entre EBA's (coletiva e individualmente) – interaglomerados ou intercluster –, as articulações e relações são formais igualitárias e informais igualitárias, assim como entre os EBA's também vão ocorrer articulações no âmbito da dimensão setorial (ABREU, 2002).

A Rede de EBA's, além das dimensões, articulações e tipologias de relações, caracteriza-se por uma proposta inclusiva. Artesãos, empreendedores de base artesanal e empreendedores diretamente inseridos nas relações de interdependência (prestadores de serviços, fornecedores e vendedores diretos) compõem a população de EBA's. A rede é composta necessariamente por entidades diversas propiciadoras de crédito, tecnologia, educação, cultura, orientações ambientais, energia, informações, etc.

A concepção de desenvolvimento, portanto, não é apenas econômica e financeira, mas também cultural, emocional, social, libertária, ambiental, além de outras dimensões humanas que se vinculam aos pressupostos da economia solidária (ABREU, 2002). Nessa rede, a universidade tem o papel fundamental de articular pesquisadores, viabilizar recursos para o desenvolvimento de projetos que joguem luz sobre os problemas vivenciados na vida cotidiana das pessoas envolvidas com as atividades econômicas dos empreendimentos de base artesanal.

## 5 Considerações Finais

Os esforços da UFSJ para interagir com os EBA's locais são consequências das categorias de ação propostas no trabalho de Abreu (2002). A caracterização, a mobilização, a organização e a gestão são categorias de análise e de ação que tiveram como desdobramentos o Geseti e o CTPA, e esses esforços são complementares, interdependentes e indutores do desenvolvimento local.

É importante ressaltar que o LCCM, a certificação da gestão da atividade artesanal e o projeto de certificação de identidade histórico-cultural da produção artesanal mineira possuem sua abordagem metodológica própria, mas são complementares às propostas de uma atuação que não tenha como objetivo um problema específico do aglomerado de EBA's. Porém, tanto o CTPA quanto a UFSJ tratam esses empreendedores estrategicamente em uma abordagem em rede e extrapolam uma demanda de curto prazo, mas proporciona para os EBA's uma perspectiva de longo prazo.

Além do assessoramento para mobilização e organização, o CTPA deve promover, enquanto

centro de pesquisas universitário, as bases científicas que viabilizam o desenvolvimento sustentável da atividade de base artesanal e tradicional, mantendo um contato íntimo com as comunidades, seja nas atividades de pesquisa, ensino, extensão ou articulando entidades e instrutores para o exercício de capacitação para a solução de problemas identificados e tratados.

O CTPA é um instrumento e uma unidade organizacional da UFSJ que viabiliza a interação da universidade com a realidade local em que esta está inserida, por meio de ações que viabilizam a melhoria da qualidade de vida, a preservação da memória local e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico e sustentável da atividade de base artesanal e tradicional da região onde essa IES está imersa. Essas conquistas ocorrem por meio da execução do seu objetivo geral, ou seja, o de contribuir para o fortalecimento de pequenos empreendedores de base artesanal em situação de *clusters*, com a orientação de um conceito de desenvolvimento que seja inclusivo e que permita a expressão das muitas dimensões humanas nos esforços empreendidos.

O CTPA/UFSJ pode propiciar de forma contínua o aprimoramento de um modelo de estrutura setorial em rede de empreendedores de base artesanal que viabilize a certificação dos produtos de base artesanal, que garanta o desenvolvimento econômico, mas com sustentabilidade ambiental e que preserve características artesanais do trabalho humano local. Além disso, também deve formatar e validar uma metodologia de indução de arranjos produtivos locais de base artesanal para regiões que necessitem de diversificação de suas atividades produtivas e empresarias em prol do desenvolvimento local.

- **Recebido em: 20/04/2011**
- **Aprovado em: 17/10/2011**

## Referências

ABREU, J. C. **Estratégia e oportunidades locais: um estudo sobre rede dinâmica em aglomerados de empreendedores de base artesanal**. 2002. 349f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. Condições de trabalho e relações precárias nas atividades dos empreendimentos de base artesanal em aglomerados produtivos. In: SALIM, C. A. et al. (Org.) **Saúde e segurança no trabalho, novos olhares e saberes**. Belo Horizonte: Fundacentro, 2003.

ABREU, J. C. et. al. Pequenas e médias empresas da atividade de couro de Dores de Campos: suas formas de gestão, processo de fabricação e comercialização. In: SEMANA DE ESTUDO E DIVULGAÇÃO DE PESQUISAS, 11., 1997, São João Del Rei, MG. **Anais**. São João Del Rei, 1997.

BOURDIEU, P. O campo econômico. **Política & Sociedade**, Florianópolis, SC, v. 1, n. 6, p. 15-57, abr. 2005.

BRISOLLA, S. et al. As relações universidade-empresa-governo: um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 61, p. 187-209, dez. 1997.

CASAROTTO FILHO, N.; PIRES, L. H. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana**. São Paulo: Atlas, 1998.

CHANLAT, Jean-François. **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1993. v. 3

CHOPRA, S.; MEINDL, P. **Gerenciamento da cadeia de suprimentos**. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

CKAGNAZAROFF, I. B. et al. Governança em planejamento e desenvolvimento local: uma análise teórica. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, MG, v. 8, n. 2, p. 171-191, jul./dez. 2008.

COUTINHO, R. Cerâmica de Salinas. **Minas faz Ciência**, Belo Horizonte, n. 30, jun./ago.2007. Disponível em: <<http://revista.fapemig.br/materia.php?id=435>>. Acesso em: 10 out. 2008.

DAGNINO, R. A relação universidade-empresa no brasil e o “Argumento da Hélice Tripla”. **Convergência**; revista de ciências sociais, Toluca, México, n. 35, p.253-291, maio/ago. 2004.

DEAKINS, D. **Entrepreneurship and small firms**. London, New York: McGraw-Hill, 1996.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1995.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

FAGUNDES, V. Centro de Tecnologia para Produção Artesanal. **Minas faz Ciência**, Belo Horizonte, n. 20, set/nov. 2004. Disponível em: <<http://revista.fapemig.br/materia.php?id=211>>. Acesso em: 10 out. 2008.

GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GRANDORI A.; SODA G. **Inter-firm network: antecedents, mechanisms and forms**. **Organization Studies**, Berlin, DE, v.16, n.6, p.183-214, Nov./Dec. 1995.

GRAPEGGIA, M.; MINUZZI, J.; LEZANA, A. G. R. O papel das universidades no desenvolvimento local como suporte para redes de pequenas empresas. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 12, 2005, Bauru, SP. **Anais...** Bauru, 2005.

GUILHON, P. T.; GUILHON, E. Rede de pequenas empresas: uma alternativa para as micro e pequenas empresas competirem no mercado global. In: ENCONTRO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO, 2., 2000, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, 2000. 1, CD-Rom.

KOTLER, P. **Administração de marketing**: a edição do novo milênio. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LAZZARINI, S. G.; JOAQUIM, T. A. Z. A formação de constelações: o caso da indústria global e transporte aéreo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 44, n. 2, p.11-25, abr./jun. 2004.

LEWIS, J. **Alianças estratégicas**: estruturando e administrando parcerias para o aumento da lucratividade. São Paulo: Pioneira, 1992.

LINS, H. N. Clusters industriais: uma experiência no Brasil meridional. **Revista de Economia**, Curitiba, v.27, n.1, p.79-101, jan./jun. 2001.

LYNCH, R. P. **Alianças de negócios, a arma secreta competitiva**: como planejar, negociar e gerenciar alianças estratégicas competitivas. São Paulo: Makron Books, 1994.

MARSHALL, A. Organização industrial. In: \_\_\_\_\_. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Os economistas) v. 1, Livro 4, cap.8-12, p. 211-264.

MONTAÑO, C. E. **Microempresa na era da globalização**: uma abordagem histórico-crítica. São Paulo: Cortez, 1999.

MORRA, L.; FRIEDLANDER, A. C. **Case study evaluations**. Washington, DC: World Bank,1999. (Working papers series, 2.).

MORETTI, A. R.; SANTOS, M. C. L.; SILVA, G. M. **Recenseamento do artesanato têxtil de Resende Costa**. São João Del Rei: FUNREI, 1998.

MOTA, T. L. N. G. Interação universidade-empresa na sociedade do conhecimento: reflexes e realidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n.1, p. 79-86, jan. 1999.

OLIVEIRA, A. B. **Reestruturação produtiva em um cluster da tecelagem artesanal e os impactos no conteúdo do trabalho**: elementos para compreensão da relação saúde-trabalho. 2006. 117f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PENROSE, E. **The Theory of the growth of the firm**. Oxford: Oxford University, 1995. Capítulos I, II, III e V.

PEREIRA, M. **O Ponto de vista do trabalho dos artesãos diante das exigências competitivas em um cluster de tecelagem de base artesanal**. 2008. 157 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PORTER, M. **Competitive strategy**: techniques for analyzing industries and competitors. New York: The Free Press, 1980.

RANGAN, S. U.; YOSHINO, M. Y. **Alianças estratégicas**. São Paulo: Makron Books, 1996.

RATTNER, H. Introdução. In: RATTNER, H. (Org.) **Pequena empresa**: o comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência. São Paulo: Brasiliense; Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986.

RÜCKERT, A. A. Políticas territoriais, ciência & tecnologia e a ação de atores locais e regionais: o polo de modernização tecnológica da Serra – Rio Grande do Sul – Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 11, p. 148-183, jan./jun. 2004.

SANTOS, M. C. L. et. al. **Artesanato**: contando teares. São João Del Rei: FUNREI, 1998.

SANTOS, M. C. L.; SILVA, G. M. **Tear**: o artesanato de Resende Costa. São João Del Rei: FUNREI, 1997.

SCHUMPETER, J. A. O fluxo circular da vida econômica, enquanto condicionado por circunstâncias dadas. O fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. In: \_\_\_\_\_. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.(Os Economistas), cap.1 e 2, p.9-66.

SELLTIZ, Claire et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1975.

SILVA, G. M. **Mercados como construções sociais**: divisão do trabalho, organização e estrutura social de um mercado em um território municipal. 2010. 359 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, G. M.; CARVALHO, J. T. de. O Ensino de empreendedorismo no Curso de Administração: um modelo e construção. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 16., 2005, Belo Horizonte, MG. **Anais**. Belo Horizonte, 2005. 1 CD-Rom.

SOUZA, M. C. A.. **Desenvolvimento de comunidade e participação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pequenas e médias empresas na reestruturação industrial**. Brasília: SEBRAE, 1995.

TEIXEIRA, F.; GUERRA, O. Redes de aprendizado em sistemas complexos de produção. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 93-105, out./dez. 2002.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária**. 2. ed. São Paulo: Polis, 1982.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

WILLIAMS, P. L. **The emergence of the theory of the firm**: from Adam Smith to Alfred Marshall. Londres: Macmillan, 1978: p.1-69.

WILLIAMSON, O. E.; WINTER, S. G. (Org.) **La Naturaleza de la empresa**: orígenes, evolución y desarrollo. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 03-84.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.